

# ***Sobreviver em Tarrafal de Santiago,* **António Jacinto – “Novos olhares numa poética de retorno”****

Maria Raquel Álvares<sup>1</sup>

*Em Santiago, Cabo Verde  
Embarcados  
Mais precisamente  
No Tarrafal . . .*

*Sobreviver em Tarrafal de Santiago* de António Jacinto, editado em 1985, reúne um conjunto de poemas escritos pelo poeta, durante o seu exílio e prisão no Campo de Concentração no Tarrafal de Santiago em Cabo Verde, mais propriamente no *Campo de Trabalho de Chão Bom*.

Pela presença de grandes valores éticos, pela defesa de união ideológica, cultural e política em África, pelo repensar e reafirmar da identidade cultural de um país, Angola, reprimido pelas forças coloniais, a obra *Sobreviver em Tarrafal de Santiago* assume, no panorama histórico colonial da literatura Angolana, a dimensão heróica e a dimensão construtiva da Geração de *Mensagem*, que na década de 50, começara

---

<sup>1</sup> Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).

a implementar ideais de liberdade. Reafirma-se as palavras de Tânia Macedo: “Poeta cuja referência é imprescindível quando se fala em literatura contemporânea” e que constitui “um dos momentos mais iluminados do percurso artístico do poeta”. Obra dividida em três partes, *Tarrafal em Redor*, *Tarrafal interior* e *Tarrafal lírico*, com todos os poemas datados de 1964 a 1975, com prefácio de Irene Guerra Marques datado de 6.5.1982 e ainda ilustrações de José Rodrigues.



Capa do livro *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*

A escrita do poema “Neste navio embarcados” (JACINTO, 1982) projeta um sujeito poético que é também coletivo e que empreende uma viagem a bordo do Quanza. Esse sujeito expressa os sentimentos

de angústia e de desespero face à opressão e à clausura, conseqüente dos seus ideais e defesa pela liberdade ideológica do homem.

Transcreve-se o poema:

Neste navio embarcados  
Somos náufragos ancorados  
Oh!  
Neste navio ancorado  
Somos náufragos embarcados  
Oh! Navio!  
Oh! Náufragos da Terra Longe!  
Oh! Terra Longe!  
Oh! Terra!  
Oh!

*Campo de Trabalho de Chão Bom – 28.12.65*



Entrada principal do Campo de Trabalho de Chão Bom

Mesmo distante da sua pátria, o sujeito poético recorre à poesia, às palavras escritas e com ela resiste e participa da revolta e da submissão

do homem ao colonialismo, como por exemplo no poema “As palavras” (JACINTO, 1982, p. 88):

As palavras são sangue  
As palavras são pericarpo e semente  
As palavras são e mais no cerne a semente  
Poesia que germina  
Paz, amor, fraternidade

(de 1966)



É a poesia, a sua amiga de sempre que ajuda o poeta a resistir à clausura e a continuar a lutar pela defesa dos seus ideais: “Resistir! Viver para regressar!” (JACINTO, 1982, p. 10).

O escritor António Jacinto legou à literatura angolana, a crença do ser humano, no sofrimento, na agonia e no isolamento, projetando-se na dor coletiva de um povo por séculos de submissão e de sonhos desfeitos, nunca perdendo a esperança, persistindo e sentindo a certeza e o otimismo de que a vitória viria, isto é, a libertação do seu país e a conquista da liberdade individual. O poeta escreve, em 1964, no *Campo de Trabalho de Chão Bom*:

NEM A CHUVA DISSOLVE ESTAS PEGADAS

Nem a chuva dissolve estas pegadas  
Nem o tempo as tem sepultadas  
Remonta ao xisto a força da verdade  
Renasce o sol do teu seio – liberdade (JACINTO, 1982, p. 81)

O incessante olhar do poeta, em relação ao meio envolvente, distante das realidades da sua terra, Angola, inova uma escrita, consequente de um espaço fechado e limitado, de fatos observados, de influências literárias e de reflexões e olhares que denotam o fazer poético através de um trabalho de laboratório de escrita inquietante. Cita-se as palavras de António Jacinto:

Isso aí, são versos escritos noutras circunstâncias – são escritos no Tarrafal, num mundo muito fechado, também concentracionário, longe das realidades da terra, com outra realidade, deixados influir, também pelo ambiente caboverdeano: vão-se lendo novas obras de autores caboverdeanos e aí vai-se compreendendo o ambiente que dita essa literatura caboverdeana. A insularidade pesa sobre nós, porque nós temos uma ilha e, dentro da ilha uma povoação, dentro da povoação um campo de concentração. Esse isolamento é muito elevado. (LABAN, 1991, vol. 1, p. 176)

O desejo de partir e a sua impossibilidade, a evasão, os traços e os limites geográficos das ilhas crioulas (Fogo e Sal), a condição do poeta na situação de ilhéu, o desejo de rutura a uma situação limite, tudo contribui para que o poeta se aproprie do querer partir, muito típico do homem caboverdiano e que sinta a saudade da sua ilha, como se pode ver no poema “Saudades” (JACINTO, 1982, p. 41): “Na paisagem a ilha do Fogo é presença (...) / A vela do mar / escreve em geometria de espuma / – partida de quem fica (...) / viagem de quem não partiu! / Descem saudades / Saudades do fogo, / Amor / Saudades da ilha, (...) / No Tarrafal anoitece”. É ainda a temática de o mar que é exaltada

pelo poeta, em simples palavras e que expressam a solidão e o desejo obsessivo de partir: “(...) É o mar! O Mar / de envolver volveres de solidão? / Obsessivo / O desejo de partir / E esta maldição insular / De nunca chegar / E de jamais voltar” (JACINTO, 1982, p. 51).

Na poesia de António Jacinto, há a esperança, há o desejo de uma libertação que está algemada; o poeta vê, vê sempre e ouve “uma morna” (JACINTO, 1982, p. 65), “um suspiro de uma nuvem passageira” (JACINTO, 1982, p. 99), estabelece o diálogo intertextual com escritores caboverdianos, ligados ao movimento da *Claridade – Arte e Letras*, entre os quais com Manuel Lopes, no poema “Agricultor”, “(...) na folhagem ressequida / e ferida / – memória do vento leste / a paisagem não esquece! / Feijão pedra / pedra / Ó homem de todo o ano / na teima / na teima que a vida dá / A teima teima é a vida na terra” (JACINTO, 1982, p. 45). A resistência do agricultor em plantar em terra ruim, a seca, temática tão explorada pelos claridosos, remete para o poema “Flagelados do vento leste” de Manuel Lopes: “Do chão de pedra / brotam pedras feitas casas / Das casa de pedra / os homens que são pedra / nascem”.

Ainda o poeta António Jacinto, homenageia, um dos grandes poetas caboverdianos, Ovídio Martins e sua crença no ilhéu, no poema “Para Ovídio Martins” (JACINTO, 1982, p. 71), numa época de luta colonial, “Das ilhas de pedra / os homens vão enluarar o mundo”; referencia Camões, no poema “Monte Gracioso” em “seco, fero estéril monte”; Álvaro de Campos, Manuel Bandeira, no poema “Quando alguém nos morre” (JACINTO 1982, p. 199); Fernando Pessoa, no poema “Dia de faxina” (JACINTO, 1982, p. 125) e Alda Lara, sua contemporânea e amiga.

A configuração das ilhas, a obsessão do mar, “a saudade da viagem nunca iniciada” (JACINTO, 1982, p. 42), o fechamento do espaço (a tripla clausura do mar, ilha/cela/mar), a descrição da ilha com objetividade e rigor ao reparar nas coisas, nos elementos da natureza e a solidão do sujeito poético que tende para o infinito, como no poema “Arquipélago” (JACINTO, 1982, p. 53), um sujeito poético sempre atento e

participante na luta pela liberdade do homem, que une o lirismo e política em poemas de resistência à opressão colonial. O sujeito poético questiona a ordem estabelecida e enfrenta o poder vigente (o colonialismo), e tenta libertar-se dele, conforme o leitor pode ver no poema “O ritmo do Tantã” (JACINTO, 1982, p. 129). Aqui o poeta dialoga com o poema “Quero ser tambor” de José Craveirinha e reafirma a sua posição de Africano, defendendo a continuidade e o preservar de símbolos culturais de uma nação, mesmo no futuro literário africano, buscando a valorização do homem africano e interiorizando a sua terra: “. . . penso África, sinto África, digo África” (JACINTO, 1982, p. 129). Revalorizar África é uma constante no pensamento do poeta angolano António Jacinto, que sonhou um futuro melhor para o seu país, desejo reafirmado pelo poeta Mário de Andrade: “Os poetas, e neste caso António Jacinto ia construindo o colectivo plural no futuro necessário para a reconstrução de uma angolanidade esfacelada” (ANDRADE, 1977, p. 10). É o poeta que mesmo encarcerado, distanciado da sua terra/Angola, é aí que ele irá beber na terra-mãe, as energias, o alento necessário, para se afirmar social e culturalmente, para reabilitar a sua cor ultrajada, para enfim abrir um novo caminho.

*Sobreviver em Tarrafal de Santiago*, é uma obra poética, que exprime os ideais africanos. Ela pretende reafirmar as raízes africanas e recuperar a sua identidade, desejos de uma geração de poetas, que pertenceram ao movimento intelectual de *Mensagem* (1951). Começava assim a germinar uma literatura que seria a expressão da sua maneira de sentir, o veículo das suas paixões, uma literatura de combate pelo seu povo. Segundo Carlos Ervedosa, o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola “foi essencialmente um movimento de poetas, virados para o seu povo e utilizando nas suas produções uma simbologia que a própria terra exuberantemente oferece.” (ERVEDOSA, 1979, p. 107), escrevendo e reescrevendo poemas que reafirmam o seu desejo de liberdade, de libertação do seu país, mas sobretudo a libertação de África e fazendo da poesia, um instrumento de resistência, de denúncia às agruras sofridas, única arma usada na necessária mudança do mundo.

Leia-se o poema “Nas Tarefas da construção do Mundo” (JACINTO, 1982, p. 85):

Nas Tarefas da construção do mundo  
Aqui estou de novo  
Unido  
– Na procissão de vontades  
Alavancas em aplicação comburente  
Aqui estou de novo  
Presente!

A diversidade temática existente na obra *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*, exprime uma multiplicidade de mensagens que estão presentes no discurso poético, e que em alguns poemas, como “No ritmo de Tantã”, “Os Flagelados do leste” e “Quando alguém morre”, chegam a ganhar uma dimensão quase épica e de reflexão sobre situações histórico-nacionais, de função social e de encontro com a poesia, em que o poeta acreditava.

Cita-se António Jacinto:

Não se pode ser mais satisfatório ao coração de um poeta que o seu Encontro com a Poesia. O poeta vive poesia, sente poesia, respira poesia.

A poesia será, pois o seu elemento. Poderá não saber falar de poesia; que isso Fique para os críticos, como um dia disse Frederico Garcia Lorca. Saberá, porém, Sentir Poesia. Sentirá sempre, o prazer do encontro com a poesia: a sua, a dos outros, a da Natureza, a dos Homens. (LABAN, 1991, vol. 1, p. 170)

Nesse longo percurso de sofrimento, isolamento e de revolta, António Jacinto continuou a sua luta na prisão, escrevendo e reescrevendo poemas, fazendo da poesia um instrumento de resistência, de denúncia às agruras sofridas e reafirmando que nem o desterro, nem o desânimo fizeram sucumbir os seus ideais; ele canta com voz firme e decidida, resiste e luta por um futuro. O canto do poeta prevê e não deixa apagar

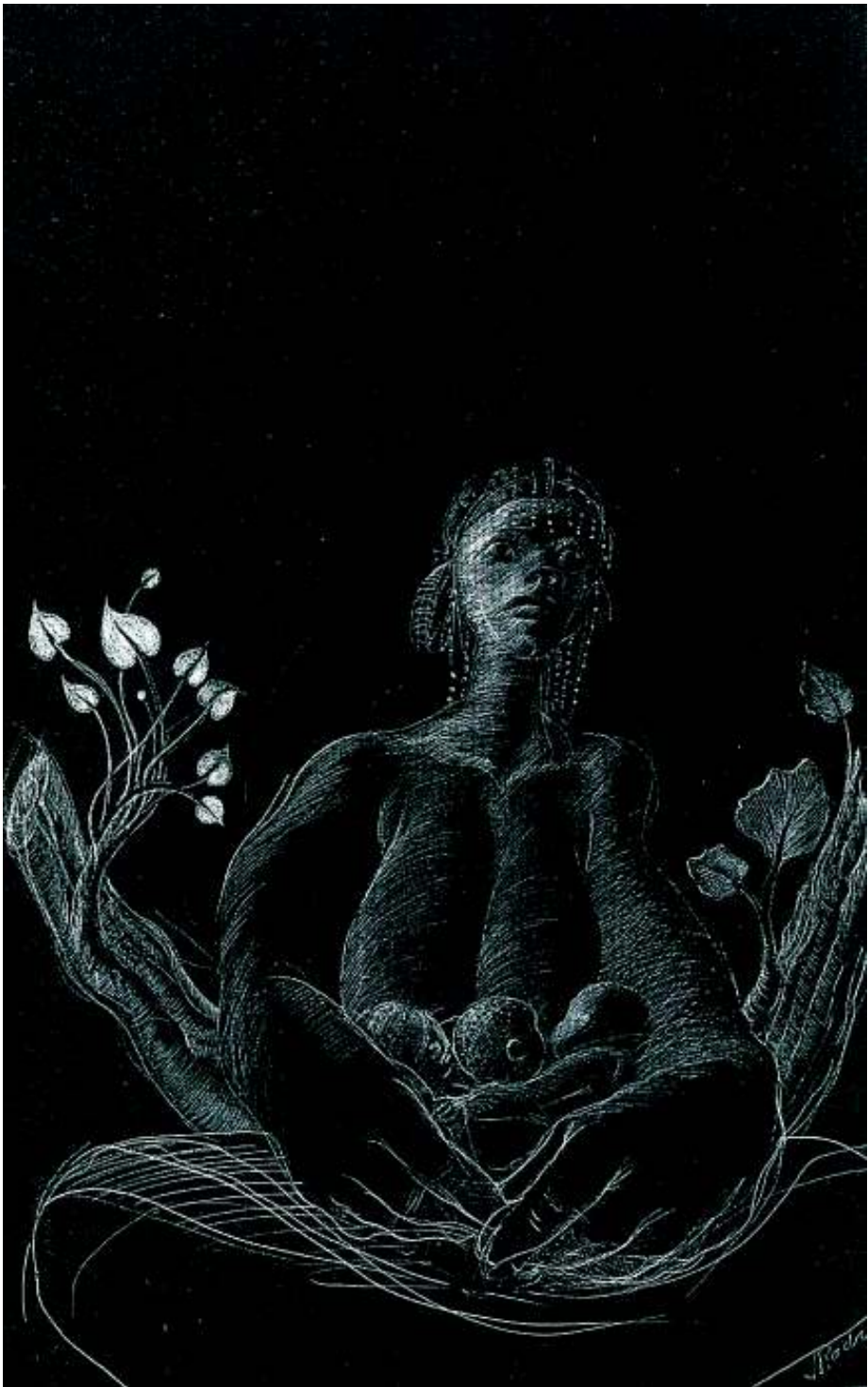
as tradições do seu país: “Ó Dragões de fauces sangrentas”, escrito em 1966:

– Digo-vos que sou perigoso quando na força viral do meu verso  
Espero! (JACINTO, 1982, p. 85)

#### O RITMO DO TANTÃ

O ritmo do tantã não tenho no sangue  
nem na pele  
nem na pele  
tenho o ritmo do tantã no coração  
no coração  
no coração  
o ritmo do tantã não tenho no sangue  
nem na pele  
nem na pele  
tenho o ritmo do tantã sobretudo  
mais no que pensa  
mais no que pensa  
Penso África, sinto África, digo África  
Odeio em África  
Amo em África  
Estou em África  
Eu também sou África  
tenho o ritmo do tantã sobretudo  
no que pensa  
no que pensa  
penso África, sinto África, digo África  
E emudeço  
dentro de ti, para ti África  
dentro de ti, para ti África  
Á fri ca  
Á fri ca  
Á fri ca

C. T Chão Bom, 28.6.70



## **Bibliografia**

ANDRADE, Mário de, *Antologia Temática de poesia africana: na noite grávida de punhais*, Lisboa, Sá da Costa, 1977.

ERVEDOSA, Carlos, *Roteiro da Literatura Angolana*, Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1979.

JACINTO, António, *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*, Angola, Ed. Chá de Caxinde, 1982.

LABAN, Michel, *Encontro com Escritores*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1991.